

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Quilombo da Imprensa

Class.: Novas Raoni

Data: 04/06/86

Pg.: 317

Cirrose mata o naturalista Augusto Ruschi em Vitória

VITÓRIA - O naturalista Augusto Ruschi, 71 anos, o primeiro pesquisador internacional dos beija-flores em cativeiro, será enterrado hoje, às 16h, na cidade de Santa Tereza, onde nasceu. Foi aí também que ele desenvolveu todas as suas pesquisas, no Museu Melo Leitão, onde vivia com a segunda mulher, Mariland e o filho Piero, de três anos. O corpo, desde ontem, às 14h, está sendo velado na Assembléia Legislativa, em Vitória. O governador José Moraes assumiu todas as despesas com os funerais.

Augusto Ruschi morreu às 13h50 min no Hospital São José, onde estava internado há pouco mais de uma semana, vítima de cirrose hepática. No sábado, seu estado se agravou e já estava praticamente inconsciente. Mas ainda no início da semana, quando recebia visitas, aproveitou o que ainda lhe restava, em energia, para fazer propostas em defesa da preservação da natureza e da vida. Ruschi foi assistido pelo médico Carlos Sandoval, gastroenterologista, que reagiu contra o



Augusto Ruschi

episódio da pajelança dos indígenas Raoni e Sapaim.

Há um mês, o naturalista foi internado na Clínica Semeg em Linhares, com crises de vômitos, tonteiras e muito e muito debilitado. Além disso, estava com baixa pressão arterial. Assistido pelo médico José Zittenfeld Cardia, chegou a ter uma esquemia cerebral, da qual se recuperou. Os medicamentos, porém, atingiram o fígado do

paciente, segundo Cardia, que decidiu enviá-lo para o Hospital São José, em Vitória. Sempre acompanhado da mulher, Mariland, e do filho André (do primeiro casamento), Ruschi não se recuperou mais. Levado à UTI, segunda-feira à noite, recebeu a extrema-unção.

Uma queda súbita de pressão arterial, na semana passada, levou o gastroenterologista Carlos Sandoval, que trata de Ruschi há mais de cinco anos, a determinar sua transferência para a Unidade de Tratamento Intensivo, setor de cardiologia, do Hospital São José. No apartamento 513, ficou a mulher, Mariland, que acreditava na recuperação e sempre defendeu a pajelança. Ruschi chegou a ser colocado em aparelhos e toda a sua doença foi cercada de grande sigilo. André, o filho, e os médicos, evitaram dar informações. O corpo foi submetido à autópsia à tarde, no Hospital das Clínicas, na Universidade Federal do Espírito Santo.

O 'efeito milagroso' da pajelança no Rio

Ana Carvalho

Em meados de janeiro, o cacique Txucarramãe Raoni e o pajé Sapaim, considerado o melhor mago de todo o Xingu, desembarcaram no Aeroporto Internacional do Rio para tentar, com a ajuda de ervas e espíritos indígenas, curar o naturalista Augusto Ruschi, que segundo histórias estaria morrendo, aos poucos, com a contaminação de todo o sistema hepático pelo veneno do sapo dendrobata.

Tudo foi montado. A pajelança começou. O ambiente escolhido para desenvolver o ritual indígena da cura, através das ervas do mato foi o Parque da Cidade, na Gávea. Durante as entrevistas, onde os jornalistas não podiam se aproximar de Ruschi, devido a um mal-entendido do primeiro dia da cobertura, o naturalista afirmava que seu estado de saúde melhorava sensivelmente. O mesmo foi dito pelos pajés.

Ruschi disse que se sentia melhor depois de cada pajelança realizada com auxílio de ervas e muita cantoria. No primeiro relato, do tipo extraordinário, o cientista contou que com o

auxílio da fumaça das ervas, os índios conseguiram retirar do seu corpo uma espécie de gosma esverdeada, que seria o veneno do "sapo ruim", como dizia Sapaim.

A imprensa não teve acesso a nenhuma cerimônia realizada exceto o jornalista Rogério Medeiros, amigo pessoal do maior especialista do mundo em orquídeas e beija-flor e correspondente do Jornal do Brasil no Espírito Santo. Rogério, num artigo intitulado "Meninos, eu vi", confirmou ter sido testemunha de que o veneno do sapo dendrobata saía do corpo de Ruschi durante o ritual.

O naturalista aproveitou as conversas com a imprensa, que passou todo o tempo de plantão no Parque da Cidade na expectativa que a medicina natural o curasse, para defender a delimitação das terras indígenas e o fim da violência de fazendeiros contra "os verdadeiros donos do Brasil", como costumava denominar os índios.

Ao lado da pajelança o noticiário não dispensava um comentário de médicos apatas que argumentavam ser Ruschi possuidor de uma deficiência hepática que nada tinha com o envenenamento do sapo. Mas a

mística continuou e foi alimentada por aqueles que viram o ritual. Rogério Medeiros, numa reportagem-depoimento chegou a ressaltar que participou da pajelança fumando o "Petã-cao", uma erva do mato, que segundo ele, "era muito forte, ardia os olhos e deixava o corpo com uma sensação de tranquilidade e torpor".

Raoni, no penúltimo dia da cerimônia, ofereceu aos jornalistas uma prova da erva. Fumada por todos como um cigarro, ela não fez o mesmo efeito descrito pelo amigo pessoal de Ruschi que a cada dia ressaltava a sua melhora.

Durante todo o ritual, o naturalista fez questão de defender a medicina e a cultura indígena. A magia e o culto da salvação através das ervas e dos espíritos mobilizou todo o País, inclusive o Presidente da República, José Sarney, que prometeu presentear os pajés após o tratamento. A pajelança acabou. Ruschi voltou para Santa Teresa, no Espírito Santo e ali morreu, depois de duas semanas internado no hospital com o mesmo mal que o trouxe para o Rio de Janeiro.